Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 266

11 DE MAIO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos a nossa meza cheia de livros novos, que a amabilidade dos seus auctores nos tem enviado, e que a abundancia de assumptos nos tem obrigado a ir juntando uns aos outros, á espera do momento propicio, para d'elles darmos noticia aos nossos leitores.

Vamos hoje aproveitar a occasião.

A companhia franceza do sr. Dupuis e da sr.ª Chassening, que occupou por dez dias as attenções de Lisboa, está já representando no theatro da zarzuela em Madrid; — Paulus, o cantor celebre de cançonetas francezas, está já em Lisboa com a sua pequena companhia de vaudeville, mas ás horas em que escrevemos, ainda não appareceu ao publico do theatro do Gymnasio; — os preparativos para as festas do casamento de S. A. o Principe D. Carlos, occupam hoje todos os espiritos e dão-nos umas feriasinhas de acontecimentos importantes; — o contrapezo da época lyrica que essas festas trazem comsigo, ainda não chegou ao palco de S. Carlos, e portanto ainda nada temos que dizer ácêrca d'esse bello *Poliuto* que se approxima com o Tamagno e a Borghi, d'essa excellente *Aida* que se promette com o Tamagno e a Scalchi; — a companhia dos grandes bailes do Colyseu, está abrindo as suas malas de viagem; — Marinha Corrêa, a madame Hugues, da Foz do Douro, está sendo julgada no Porto, mas ainda os jurados não pronunciaram o seu *veredictum*, e por tudo isto, aproveitando esta curta calmaria de assumptos, que precede uma catadupa proxima de acontecimentos importantes, vamos hoje pagar muito modestamente a divida em que estamos para com os livros que nos visitaram e transformar a nossa chronica n'uma rapida bibliographia, visto o espaço não nos permittir noticias mais amplas e critica mais minuciosa.

Em primeiro logar temos um livro d'um auctor novo, tão novo, que nem sequer de nome o conheciamos, que é uma affirmação brilhante d'um poderoso e originalissimo talento.

Tem esse livro um titulo singelissimo, d'uma despretenção de bom agouro, *Prosas simples*, e o nome que o firma, hontem desconhecido, hoje já glorioso, é de Guilherme Gama.

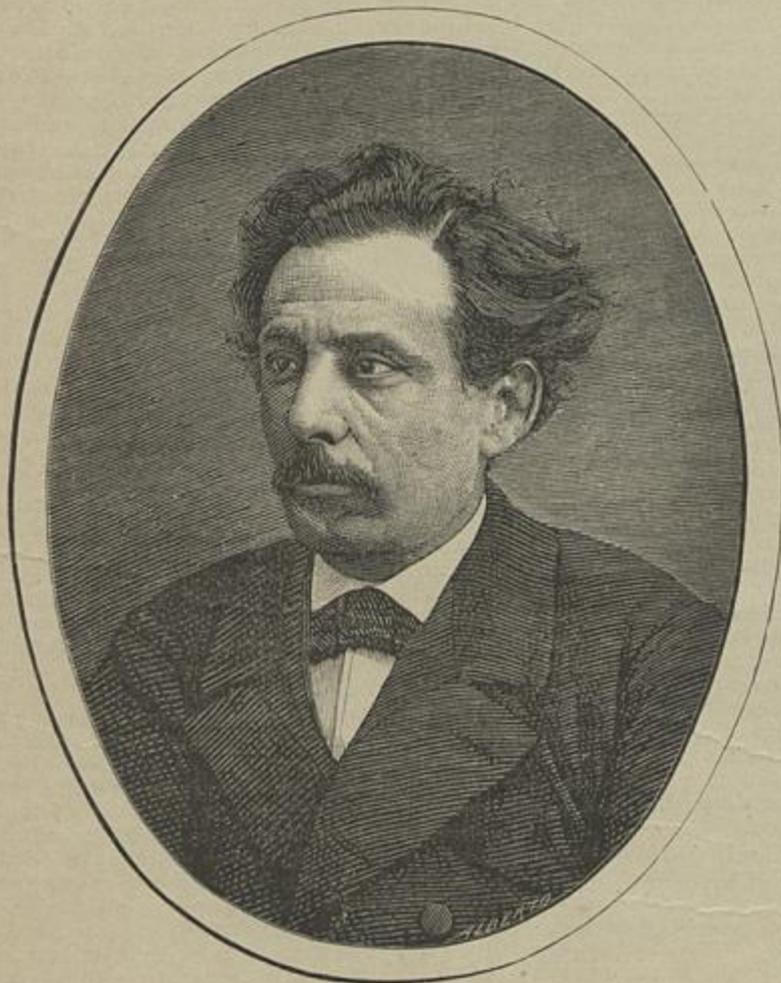
Guilherme Gama é filho d'um romancista portuense de grande talento, Arnaldo Gama: nada d'isso porém sabiamos, quando o correio nos trouxe o elegante volume *Prosas simples*.

Abrimos as primeiras folhas e começámos a lel-as sem a menor suspeita da grande alegria que ellas nos iam causar, da grande revelação que ellas nos iam fazer.

Logo ás primeiras linhas, porém, conhecemos que estavamos defronte d'um talento vigoroso e original.

Todos os contos das *Prosas simples* são pequenissimos, alguns teem apenas duas ou tres paginas, nenhum mais de nove ou dez, a *coupe* perfeita, d'esse genero de conto que na litteratura contemporanea occupa hoje o logar proeminente.

Lido o primeiro conto de Guilherme Gama, o encanto da linguagem singela, elegante, d'uma individualidade perfeitamente accentuada, que denuncia logo uma personalidade litteraria, fascina immediatamente o leitor, e o livro devora-se d'um trago, conservando-nos sempre sob a impressão deliciosa d'uma obra d'arte delicadissima.

As *Prosas simples* são uma verdadeira obra-

Antonio Alberto Nunes
(Gravura de Caetano Alberto, segundo uma photographia de H. Nunes)

José Simões d'Almeida Junior
(Gravura de Caetano Alberto, segundo uma photographia de Fillon)

AUCTORES DAS ESTATUAS DO MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE PORTUGAL

prima: na nossa litteratura de contos, não tem livro que se lhe iguale, lá fóra pode-se pôr ao lado dos volumes de contos mais artisticamente trabalhados de Banville, de Daudet, de Guy de Maupassant, e de François Coppée.

E sobre os contos de todos esses contistas mais illustres, as narrativas de Guilherme Gama, teem ainda a vantagem da sua simplicidade encantadora, da arte primorosa com que vibram as notas mais suavemente dramaticas, em meia duzia de linhas faceis, sem preoccupações de escóla, sem pompas fatigantes de estylo complicado, sem a practica d'essa coisa medonha, que os enuchos da arte inventaram, para substituir o talento e a que puzeram o nome tão estafado de processo.

O livro de Guilherme Gama é o livro mais notavel que n'estes ultimos tempos se tem publicado em Portugal e a revelação mais brilhante de talento que um primeiro livro tem feito ás nossas lettras.

Temos aqui outro livro tambem de contos, mas esse faz parte dos livros que ainda ha dez annos, apenas se vendiam clandestinamente, em certas lojas especiaes, e de que a policia, em nome da moral publica, prohibia severamente a exhibição.

O titulo d'esse livro diz perfeitamente o seu assumpto, e n'isso andou com certa lealdade o seu auctor, não querendo illudir a confiança do comprador ingenuo.

As *Volupias* de Rabelais, filiam-se no genero pornographico, posto em voga pelo moderno jornalismo parisiense.

Catulle Mendes e Guy de Maupassant com muito talento, Aurelien Scholl e Pierre Veron, com muito espirito, Richard O'monroy com menos espirito, René de Mezeroy com menos talento, e Armand Silvestre com muito menos, d'ambas as coisas, fizeram escóla infelizmente, e d'ahi a pretexto de *gaieté gauloise*, e de renovação Rabelesiana um diluvio de contos obscenos, que fariam córar o bom Paulo de Kock, que no seu tempo tinha má fama entre as pessoas decentes, e ao pé dos quaes a madem iselle Maupin do grande Theophilo Gautier, que tantas indignações pudicas levantou, póde passar como livro — premio para collegio de meninas.

Pois as *Volupias*, de Rabelais são um fructo d'essa escola, graças á qual o *Chevalier de Faublas*, que ha coisa de vinte annos se vendia a peso de tostões, ás escondidas, nos livreiros ousados, que arrostavam com o perigo de ultrajes á moralidade, se pavoneia hoje em todas as *montres* das livrarias honestas pelo preço barato dos livros virtuosos, e francamente lamentamos que o auctor, que se esconde atraz do pseudonymo do creador de Pantagruel e Gargantua, não applicasse n'um trabalho de outro genero mais digno, o seu talento, porque o tem, e os seus recursos de escriptor, que são valiosos.

As *Volupias*, de Rabelais, entristeceram-nos, fizeram-nos pena de ver estragar n'um livro indigno o tempo e a intelligencia de um rapaz cheio de boa vontade e de boas aptidões, que tinha outros caminhos de alcançar o *successo*, á luz clara da publicidade, sem precisar andar de mascara na cara pelas viellas immundas e mal frequentadas, um rapaz que pode ganhar nome fazendo livros, em vez de procurar dinheiro vendendo drogas prohibidas.

Conhecemos muito Rabelais, temos por elle muita estima, e no seu talento muita confiança, e por isso lhe fallamos com esta franqueza rude e profundamente sincera.

O sr. Ernesto de Carvalho, um rapaz novo ainda que vive no Alemtejo, e que tem redigido varios jornaes da sua localidade, colleccionou em um pequeno volume sob o titulo de *Realismo no campo* alguns contos observados na sua provincia, tirados da vida alemtejana.

Mentiria com certeza se dissesse que esse livro tem um grande valor e vem occupar um logar notavel na nossa litteratura. Não tem, nem o seu auctor, dil-o no prefacio, o escreveu com essas altas ambições.

O *Realismo no campo* é o desfastio de um rapaz intelligente nas longas horas insipidas das noites provincianas. O sr. Ernesto de Carvalho deixou-se ir um pouco na corrente da moda: d'ahi, a preoccupação de fazer os seus contos picantes, preoccupação que se sente muito, e que dá a esses contos uma certa monotonia fatigante.

Creio sinceramente que o sr. Ernesto de Carvalho ganh ria muito em não se deixar levar pela idea fixa de, a pretexto de realismo, procurar em todos os contos a nota maliciosa e por vezes *grivoise*. Escreve muito correntemente, e se estudasse os costumes alemtejanos sem intenção reservada, se fosse simplesmente á procura da verdade, sem a levar já feita de casa, para dar ao seu livro o sabor moderno dos contos francezes, o seu *Realismo no campo* s.ria muito mais realista e muito mais interessante.

O sr. Ernesto de Carvalho é um novo que faz as suas primeiras armas. Entendemos do nosso dever dizer-lhe isto desassombradamente. Se o seu livro, apesar de todos os defeitos — defeitos na maior parte voluntarios — não denunciasse certas aptidões, se não nos parecesse ver atravez de todo o livro um bocado de talento, nada diriamos, nem do livro nem do auctor.

Assim dizemos francamente o que pensamos, e agradecemos a amabilidade da dedicatoria.

E não pode hoje ainda a nossa chronica liquidar todas as dividas para com os livros que temos deante de nós.

O espaço falta-nos, e temos ainda um livro de versos do sr. Ariosto Machado, *Contos vagos*, publicado no Porto; do Porto tambem, dois volumes do sr. Brito de Barros intitulados *Farpões*; do Rio de Janeiro, um estudo naturalista de auctor anonymo intitulado *Um homem gasto*; a quarta serie dos *Salões*, do sr. visconde de Ouguella; uma pequena memoria do illustre medico homœpatha o sr. Cesario de Abreu ácerca da homœopathia e da allopathia; e por ultimo, na ordem chronologica, o drama em 5 actos, em verso, *Germano*, do sr. Abel Acacio, drama que provocou uma pendencia entre o auctor e a empreza do theatro de D. Maria, e que precisa ser lido e analysado com muito cuidado, porque a opinião ácerca d'este drama é ao mesmo tempo a opinião ácerca da questão levantada entre o auctor e o theatro de D. Maria, questão que, embora vá já longe, é de uma importancia grave para todos que se occupam de coisas theatraes.

Logo que o espaço na nossa chronica nol-o premitta, satisfaremos estes nossos compromissos.

Gervasio Lobato.

Os auctores das estatuas do Monumento aos Restauradores

AS ESTATUAS

Estamos em presença de duas obras de arte de primeira ordem, e sem prodigalidade de adjectivos banaes, estafados ahi a proposito de quaesquer insignificancias, digamos francamente o que pensamos, a impressão que fizeram no nosso espirito essas duas estatuas que acabam de se libertar das grossas linhagens que por tanto tempo as occultaram á contemplação do publico.

Já conheciamos de ha muito as duas estatuas; desde que as vimos nos *atelieres* dos artistas, com toda a correcção e agudeza de modelação da grande estatuaria, animadas pelo talento que desputava ao flaccido barro, toda a energia palpitante que se distingue na estatua da Independencia, toda a graça e leveza que se observa na estatua da Victoria.

A impressão que nos ficou foi tão acentuada, que hoje ao contemplarmos essas estatuas fundidas no bronze, ferem-nos sensivelmente algumas incorrecções da fundição, e que prejudicam bastante a correcção das figuras.

Apontaremos, como mais importantes, o desvio que se nota na perna esquerda da estatua da Independencia, que parece ceder ao peso do corpo descrevendo uma curva que no modelo não existe, a caixa toraxica e abdomem tambem apresentam durezas de modelação que estão bem longe de se observarem no modelo. Na estatua da Victoria apontaremos a alteração feita nas azas, a qual prejudica bastante a linha de composição, e ainda na perna direita, qua se vê atravez das roupas, o pouco que se teve em vista a estatua modelo.

Apezar d'estes defeitos da fundição, que passarão desapercebidos á maioria do publico, as estatuas tem um cunho de arte tão superior, que resistem perfeitamente á critica mais severa, e são uma manifestação brilhante do talento dos dois esculptores que as produziram.

A estatua que representa o Genio da Independencia, e de que é auctor o sr. Alberto Nunes, bastaria só por si para fazer a reputação de um artista. A energia e o orgulho estão latentes n'aquella figura de bronze, que parece animada pelo enthusiasmo dos heroes que resgataram a patria do jogo extranho. A exaltação de que está possuida, é communicativa e dos seus labios febris e arrogantes parece ouvir soltar-se o grito de liberdade, que os nossos ouvidos não escutam, mas que a alma sente vibrar no gesto altivo d'aquella estatua.

O anjo da Victoria, esculptura do sr. Simões de Almeida é mais uma affirmação do talento do seu auctor e vem tomar o seu logar distincto entre as obras d'este artista. Prima, sobretudo, esta estatua pela grande correcção classica do desenho e pela graça e leveza da attitude junta á suavidade da expressão. A sua indole é outra. O genio da Independencia representa a força da lucta pela liberdade; a Victoria é o anjo totelar, o guia que conduz aos triumphos, e que vem coroar os heroes com os louros immortaes dos grandes vencedores.

Seria difficil termos uma preferencia entre estas duas obras monumentaes. Uma completa-se com a outra e só na diversidade dos temperamentos se poderá encontrar um preferencia por aquella que mais nos enthusiasme.

Nos defeitos que notámos da fundição, estamos bem longe de implicarmos uma censura aos fundidores do arsenal do exercito onde se executou essa difficil operação, porque bem sabemos quanto é arduo este trabalho e as difficuldades que offerece, muito particularmente, a quem não tem a pratica e os conhecimentos especiaes que demanda este genero de fundição.

Effectivamente a fundição do Arsenal do exercito não é uma academia de esculptores, e os trabalhos que alli se fazem são de uma indole bem diversa da fundição de estatuas. Cremos que nenhum dos fundidores que cooperaram n'esta obra nunca tinham tido occasião de experimentarem a sua aptidão em trabalho d'este vulto, e por isso ainda lhe cabem justos louvores pela maneira porque se desempenharam de tão espinhosa tarefa, e estamos certos que os defeitos apontados, ter-se-iam evitado, se tivessem sido ouvidos os esculptures, o que por um mal entendido se não fez.

Sob a direcção do sr. Joaquim Augusto de Castro Curto, mestre da fundição do Arsenal do exercito, procederam á fundição das estatuas e mais trabalhos inherentes, os fundidores Joaquim Pedro de Miranda, Francisco da Costa, João Baptista e Francisco José de Oliveira; serralheiros, Manoel Augusto da Piedade, Antonio Baptista dos Reis e Narciso Antonio Pereira; lavrante, Manoel Gregorio Valente Figueira; carpinteiro, Joaquim de Oliveira; aprendiz de fundidor, Joaquim Manoel dos Santos.

Os nomes d'estes artistas ficam ligados a duas obras de arte mais notaveis que se tem produzido n'estes ultimos tempos em o nosso paiz.

Por ultimo diremos ainda, que, se a Commissão Central 1.º de dezembro de 1640, tem muito a applaudir-se por ter levado a cabo o monumento que se propoz levantar, muito mais tem de regosijar-se por ter dado ensejo a dois artistas para revelarem de um modo tão frisante e glorioso, mais uma prova do seu talento, na concepção das duas estatuas que são a resposta mais eloquente á malidicencia e indifferentismo com que é tratada a arte nacional.

OS ESCULPTORES

São dois artistas na verdadeira e generica accepção d'esta palavra, e exprimindo nos assim temos feito o mais sincero elogio aos dois esculptores.

É com a maior alegria que publicamos os seus retratos, e vae n'isso uma justa homenagem do Occidente ao reconhecido merito dos dois artistas que se destacam tão gloriosamente do meio inervante e desdenhado da arte nacional.

Antonio Alberto Nunes, auctor da estatua *O Genio da Independencia*, nasceu em Alcantara em 1838, e é filho de João Paulo Nunes e de D. Escholastica Maria Freire.

Estudou desenho na Academia de Bellas Artes de Lisboa, dedicando-se a entalhador em madeira, que cultivou com muita distincção, executando magnificos trabalhos para o paço da Ajuda e para el-rei D. Fernando.

A sua bella disposição para a arte levou-o a estudar a grande esculptura, e para isso foi recebido como discipulo no *atelier* do esculptor Calmels, em Lisboa, apresentando o seu primeiro estudo — *Amor da Patria* — na exposição de 1868 da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, onde obteve o premio de medalha de prata.

Este estudo foi um revelação que não passou desapercebida á nobre duqueza de Palmella, que se interessou pelo novo artista e o subsidiou para que podesse continuar os seus estudos, tanto em Portugal como no extrangeiro, para o que Alberto Nunes foi para Paris em 1870, voltando de todo á patria em 1873.

A epoca em que Alberto Nunes esteve em Paris não foi das mais fovoraveis, porque a guerra da França com a Allemanha, que então se feri·, e as luctas civis que se lhe seguiram em Paris pu-

nham tudo em desordem. Entretanto o artista entrou no *atelier* do grande estatuario Eugene Cuillaume, e alli estudou e foi auxiliado pelo mestre de uma maneira verdadeiramente paternal.

Em 1870 e 1872 obteve novas medalhas de prata nas exposições da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, e em 1871 foi premiado com medalha de 3.ª classe na Exposição Nacional de Bellas Artes de Madrid.

No concurso publico para o monumento ao duque da Terceira foi classificado em segundo logar, pelo que teve o premio de 400$000.

Nomeado academico de merito em conferencia de 19 de abril de 1874 da Academia de Bellas Artes de Lisboa, foi no anno seguinte nomeado para reger interinamente a cadeira de desenho do 2.º e 3.º annos do curso geral de desenho, que desempenhou até 1881, sendo n'este mesmo anno, por decreto de 22 de março, nomeado professor da 4.ª cadeira auxiliar de esculptura decorativa.

Juntemos a estas breves notas dois documentos extremamente honrosos para o artista e que melhor certificam o seu merito, se outras obras o não estão já attestando aos olhos do publico.

École National et Spécial
des Beaux-Arts

Paris, le 12 novembre 1873

J'ai pendant quelques années dirigé les études de Mr. Alberto Nunes et j'ai pu, dans mes rapports avec lui, apprécier son heureuse aptitude pour la sculpture et son honorable caractère. Mr. Alberto Nunes est en possesion d'un talent serieux: il le doit à son amour perseverant pour le travail et un vif désir qu'il a, non pas seulement de bien faire, mais encore de faire de mieux en mieux. Avec une telle ambition il est impossible qu'arrivé au point où il est parvenu, ce jeune artiste ne produit pas des ouvrages rémarquables, si toutefois les circonstances le favorisent.

Je forme les vœux les plus sincères pour qu'il en soit ainsi: Mr. Alberto Nunes est digne de réussir tant à cause de son talent que de ces sentiments, qui sont également distingués.

En faisant cette déclaration et en exprimant ces vœux, je suis heureux de lui donner un témoignage de mon affectueuse estime. — *Eugène Guillaume*, membre de l'Institut de France, directeur de l'École des Beaux-Arts, membre correspondant des académies de Lisbonne, Vienne, Londres, Amsterdam, etc.

Je certifie que Mr. Antonio Alberto Nunes a commencé à recevoir mes conseils dès le commencement de 1858 jusqu'au mois de mai 1870 et que je n'ai jamais eu qu'a me louer de son aptitude et de son intelligence. J'ajoute même que son grand amour pour l'art, auquel il a voué toute son énergie, l'a rendu insensible au plus dures privations pour continuer ses études jusqu'au moment où la protection de Son Excellence Madame la Duchesse de Palmella s'est étendue sur lui.

Aussi grâce à ses brillantes qualités il a su recolter déjà quelques succés qui lui ont valu trois médailles d'argent aux expositions de la Sociedade Promotora de Bellas Artes.

La premiére, 1868, pour la statue de l'*Amor da Patria*, étude pleine de vigueur.

La seconde, 1870, pour son *Fauno*, buste colossal avec des bras (demi-statue) où la vitalité et une exécution plus sevère rappelle les œuvres si mouvementées des artistes du XVIIIe siècle.

Et la troisième, 1872, por la statue de *Democrito*, qui tout en conservant la chaleur d'exécution de son *Fauno*, révélent déjà l'influence d'études sérieuses, et surtout la direction de l'illustre professeur Eugène Guillaume.

J'espère que l'avenir saura récompenser les efforts de Mr. Antonio Alberto Nunes, et je m'estimerai trés heureux, si ce laborieux artiste, qui a été mon éléve, peut, grâce à la protection du gouvernement, utiliser au développement de l'art national les bonnes qualités dont Dieu l'a doté. — Lisbonne, le 15 Juillet 1872. — *M. Calmels.*

As obras produzidas por este artista são, alem das já mencionadas, mais as seguintes, de que temos noticia:

O lyrismo da poesia, estatua em gesso que figurou na exposição de Paris, e que reproduzimos em gravura a pag 65 do 2.º volume; *Ultimos momentos de D. Pedro V*, estatueta em gesso, e que se acha publicada a pag. 137 do 2.º volume; *Duque de Saldan'a*, busto em marmore feito para a sala da camara dos pares; *A instrucção*, modelo para uma estatua em pedra destinada ao Hospicio Portuguez de Caridade, no Rio de Janeiro; projecto de frontão para o edificio do Asylo de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa; projecto de um mausoleo para os restos de Camões. Todas estas obras teem sido publicadas nas paginas do OCCIDENTE.

O auctor da estatua *O Anjo da Victoria* é o sr. José Simões d'Almeida Junior, professor da 2.ª cadeira de desenho de gesso e modelo vivo, na Academia de Bellas Artes, de Lisboa.

Nasceu em Figueiró dos Vinhos, a 24 de abril de 1844 e é filho de José Simões d'Almeida.

Veiu para Lisboa muito novo e cursou a Academia, onde se matriculou por 1856, indo depois completar os seus estudos em Paris e na Italia, durante os annos de 1866 a 1872.

Em Paris foi discipulo de Jouffroy e obteve na escola cinco medalhas de prata, e dois premios pecuniarios.

Foi premiado na exposição de Paris de 1878 e em tres exposições da Sociedade Promotora de Bellas Artes, em Portugal. Na exposição de Madrid de 1880 teve uma medalha de bronze.

Concorreu ao concurso para o monumento ao duque da Terceira, sendo o seu projecto classificado em primeiro logar. Esse monumento valeu-lhe o ser-lhe conferido o habito de S. Thiago, que elle resignou.

São muitas as suas obras e d'ellas apontaremos as seguintes que nos lembram: *Sapho*, estatueta em gesso, premiada na exposição do Rio de Janeiro em 1880; *A Poberdade*, estatueta em marmore, premiada na exposição de Paris de 1878; *D. Sebastião*, estatua em marmore, adquirida por el-rei D. Luiz; *O Saltimbanco*, estatua em marmore, pertencente á galeria de el-rei D. Fernando; *A Saudade*, estatueta em marmore; *D. Ignez de Castro*, estatueta em marmore, que figura na galeria da ex.ma sr.ª Duqueza de Palmella; busto do *Duque de Avila e de Bolama*, que se vê na sala da Camara dos Pares; os modelos para as estatuas de Camões, Infante D. Henrique, Vasco da Gama e Alvares Cabral, executadas em pedra, para o edificio do Gabinete Partuguez de Leitura do Rio de Janeiro; um busto de Camões para a mesma Sociedade. Grande parte d'estas esculpturas teem sido reproduzidas em gravuras nas paginas do OCCIDENTE.

Actualmente o sr. Simões d'Almeida está fazendo um Christo crucificado, de tamanho natural, para o tumulo de Alexandre Herculano, e o modelo para a estatua do grande tribuno José Estevam, destinada ao monumento que se está levantando em Aveiro.

Todas estas obras que deixamos mencionadas, são de alto valor artistico, destacando se entre ellas producções notabilissimas, como o *D. Sebastião*, o *Saltimbanco*, a *D. Ignez de Castro*, etc.

Concluindo, diremos que as obras d'estes dois artistas portuguezes, honram tanto a arte portugueza, como honrariam a arte em qualquer dos paizes em que ella tem mais culto.

Caetano Alberto.

DR. IGNACIO RODRIGUES DA COSTA DUARTE

Todos o conheciam em Coimbra, e poucos deixavam de privar na sua intimidade. Em o norte de Portugal o seu nome pronunciava se com respeito e sympathia, porque o dr. Costa Duarte gosava de uma popularidade extraordinaria, resultante dos innumeraveis serviços que prestava com a sua sciencia, com a sua caridade expontanea, com a sua excepcional aptidão cirurgica.

Nasceu em Coimbra a 26 de abril de 1824, filho de Elyseu Rodrigues Duarte e D. Theodora Felicissima Duarte. Cursou a Universidade de Coimbra, concluindo o curso de cirurgia em 1848. A este tempo, porem, já tinha sido nomeado ajudante de preparador do theatro anatomico da Universidade, logar que occupou com rara distincção até 1865.

N'este anno acompanhou ao estrangeiro o professor dr. Costa Simões em commissão scientifica, e teve occasião de estudar os cursos de microscopia de Robin, Ordonez, de physiologia geral de Claude Bernard, de clinica cirurgica com Velpeau e Casado Geraldes.

N'essa viagem esteve em Berlim, onde seguiu os cursos de Virchow e Langenbaeck. Em Bruxellas tomou o grau de doutor em medicina, cirurgia e partos.

Esta grande copia de estudos e conhecimentos praticos deu ao dr. Costa Duarte uma reputação justificada como um dos primeiros operadores portuguezes, e o primeiro em todo o norte de Portugal.

Quando regressou da sua viagem foi nomeado preparador de histologia e physiologia geral da Universidade, e em 1871 nomeado clinico ordinario dos hospitaes da mesma Universidade.

Foi um dos mais prestantes companheiros e ajudantes do sr. dr. Costa Simões nos seus importantes trabalhos scientificos, na organisação do gabinete de histologia e physiologia geral.

Na *Coimbra Medica* n.º 9, de 1 do corrente, encontramos a relação de algumas das suas obras, que pedimos venia para transcrever.

Eil-a:

«*Des fistules genito-urinaires chez la femme*, Paris, Bailliere et Fils, 1865, com estampas, em que propõe modificações vantajosas nas operações correspondentes; *Histologia do ovulo nos mammiferos*, Coimbra, 1868, em que dá um processo seu para demonstrar a existencia de uma membrana propria do vitello, como aliaz pensavam alguns histologistas; *Guia do enfermeiro* (lithographada), Coimbra, 1882, que serviu para a iniciação de um curso de enfermeiros, que, por motivos que agora não veem a pello, não poude proseguir nos hospitaes da Universidade; *Instituto*, vol. IV, 1856, janeiro — *Ferimento por arma de fogo com perda de dois terços do osso maxillar inferior;* Ibidem, vol. VI, 1857, julho — *Extracção de uma moeda de 40 reis (pataco) retida no esophago por tres dias. Processo de applicação da pinça esophagiana, promovendo ao mesmo tempo o vomito por titilações na uvula;* Ibidem, vol. VIII, 1859, dezembro — *Eclampsia epileptiforme durante e depois do trabalho do parto;* Ibidem, vol. IX, 1860, maio, de collaboração com o professor Quental — *Anesthesia hypnotica*, citado por Bernardino Antonio Gomes nos *Elementos de pharmacologia geral*, terceira edição, pag. 289 e transcripto na *Gazeta Medica do Porto*, junho, 1860; Ibidem, vol. X, 1861, setembro — *Fistula vesico vaginal. Obliteração da urethra e sua separação da bexiga urinaria;* Ibidem, vol. XII, 1863, maio — *Fistula vesico uterina;* Ibidem, vol. XIX, 1874. Encontra-se a noticia sobre a apresentação á classe das sciencias physico-mathematicas de dois doentes operados de resecções osseas; *Estudos Medicos*, n.º 2 — *Sur l'existence d'une membrane propre du vitellus*, em que reproduz uma parte do folheto citado; Ibidem, n.º 4 — *Casos notaveis de alopecia geral; Coimbra Medica*, 2.º anno, 1882 — *Contribuições para o estudo da producção dos calculos vesicaes na infancia*, de collaboração com o sr. José Pereira de Lemos; Ibidem, 3.º anno, 1883 — *Resposta ao questionario proposto pela commissão nomeada pelo ministerio das obras publicas de 16 de setembro de 1882, sobre a influencia perniciosa dos arrozaes na saude publica;* Ibidem, 4.º anno — *Procédé pour la conservation, en sec, du cœur, et de l'origine des gros vaisseaux pour l'étude de l'anatomie normale, anormale, pathologique et comparée.* Ha tambem no *Correio Medico* de 1875 algumas cartas em polemica com o professor da Escola Medico-Cirurgica Joaquim Theotonio da Silva, sobre as resecções osseas.»

O dr. Costa Duarte era socio effectivo do Instituto de Coimbra e correspondente da Sociedade Real de Sciencias Medicas de Bruxellas. Exercia tambem o cargo de cirurgião da Misericordia de Coimbra e da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte.

Desde 1883 que estava aposentado do cargo de preparador do gabinete de histologia e physiologia geral.

É ainda em o numero da *Coimbra Medica* a que já nos referimos, que encontramos os seguintes periodos que dão idéa do caracter scientifico do dr. Costa Duarte:

«A personalidade scientifica do dr. Ignacio revelou-se principalmente no terreno da pratica, já como preparador de anotomia, já como cirurgião e operador, já como micrographo. N'esta triplice physionomia da sua obra, quanto lh'o permittiram as exigencias implacaveis da vida, os influxos inevitaveis do seu meio e do seu tempo, elle foi dos mais notaveis, e poucos em Portugal lhe sobrelevaram em meritos.

«A sua vida foi um exemplo frisante do que podem lograr, ao serviço de uma intelligencia clara e de uma rara habilidade artistica, o genio do trabalho, o poder da vontade, o fito da elevação social, a constancia no proposito, a serenidade no esforço.

«Desde os seus primeiros lavores anatomicos sob a direcção do professor Sebastião de Almeida até á obtenção da sua carta de cirurgia ministrante; desde os seus primeiros passos como operador sob a direcção de Cesario de Azevedo, Fernandes Costa e Macedo Pinto até ao seu curso parisiense com Velpeau e Casado Geraldes, que lhe dispensaram a maxima sympathia e deferencia, até ao seu doutoramento em Bruxellas, cujas provas praticas foram distinctissimas, os creditos

do nosso operador subiram sempre para gloria da escola onde aprendera. Esta continua ascensão no conceito publico fôra correspondida por uma sympathia nunca desmentida pelas camadas dos estudantes que frequentaram a nossa faculdade, dos quaes foi, se não um professor diplomado, conselheiro indispensavel, guia desvelado, mestre sabedor e experimentado, e para complemento, companheiro e amigo inolvidavel, que no meio dos mais angustiosos lances operatorios, sabia achar a phrase que desopprime o coração, a graça que desenruga a fronte e restitue a serenidade conturbada, a par com o exemplo e com a reflexão, que põem na evidencia palpitante os traços meio confusos, as peripecias escuras do drama cirurgico.»

Acabamos de considerar o homem de sciencia, o eximio cirurgião, e é de justiça não terminar estas linhas sem falar d'uma outra feição muito pronunciada do seu talento.

O dr. Ignacio tinha um verdadeiro culto pelas bellas-artes, e d'estas tinha-se especialmente dedicado á musica, que cultivou com um esmero e um amor decididos.

Era possuidor d'uma importante bibliotheca musical, e de vastissimos conhecimentos de contraponto e harmonia. Era certamente o dr. Ignacio e o actual bispo de Beja, seu particularissimo amigo, os dois individuos que, em Coimbra, melhor conheciam a sciencia musical. Mas era particularmente a musica sacra aquella que merecia as suas preferencias, a ponto de compor uns responsorios completos para 4.ª, 5.ª e 6.ª feira santas, que foram executados em differentes egrejas, e muito apreciados pelos entendidos. Tinha composto egualmente uma missa para domingo de Paschoa, e ainda outras obras de menor folego.

Eram-lhe familiares quasi todos os instrumentos, chegando a ser notavelmente perfeito na flauta e no contrabaixo. E é de notar que não tendo tido nunca o dr. Ignacio mestre algum de musica, chegou a adquirir pelos seus unicos exforços tantos conhecimentos de musica, os qnaes, com uma paciencia e amor pouco vulgares, procurou transmittir a todos os seus filhos.

Depois das suas vastas e laboriosas occupações clinicas era sempre a musica que lhe proporcionava o descanso, sendo o seu mais agradavel passatempo os concertos intimos que arranjava, primeiramente com os filhos, mais tarde, quando estes o deixaram proseguir cada qual o seu destino, com amigos egualmente affeiçoados á mais bella das bellas-artes. Não é pois menos digna de notar-se e registar-se esta outra face das suas variadissimas aptidões.

O dr. Costa Duarte finou-se em Coimbra a 19 de abril ultimo, e a sua morte foi geralmente sentida como a de um amigo estremecido, como a de um homem que consumiu a vida no serviço da sciencia e da humanidade a quem encheu de beneficios.

R.

BELLAS ARTES

Monumento á Restauração de Portugal — O Genio da Independencia, estatua em bronze por Alberto Nunes
(Segundo uma photographia do modelo em barro)

PASTEUR E AS SUAS OBRAS

(Concluido do n.º 254)

Quiz examinar a lingua n'um espelho, mas o aspecto d'essa superficie polida e brilhante, causou-lhe repulsão tão grande, que desistiu. Sentia-se levado da imperiosa vontade de *morder* e de *correr* e para satisfazel-a, pôz-se a correr no quarto e despedaçou o lenço com os dentes. Tinha sêde violenta, mas era-lhe impossivel engulir, não sómente por causa da viva inflammação da boca e da garganta, mas em consequencia da superficie brilhante do liquido. Fechou os olhos e com difficuldade, poude engulir algumas gotas de agua. Tal era o estado do dr. Buisson, quando entrou n'um banho russo, na temperatura de 42° Reaumur. Em alguns momentos, a transpiração começou e logo que se tornou abundante, os symptomas de hydrophobia declinaram. Decorridas algumas horas, tinham-se extinguido e o doente poude beber copiosamente, sem repugnancia nem dôr. Chegada a noite deixou o banho, achando-se já em plena convalescença

BELLAS ARTES

Monumento á Restauração de Portugal — O Anjo da Victoria, estatua em bronze por Simões d'Almeida
(Segundo uma photographia do modelo em barro)

e dormiu perfeitamente. No dia seguinte estava curado completamente.

O dr. Buisson tratou em alguns mezes, 80 casos de hydrophobia declarada e obteve sempre cura completa. O seu tratamento consistia em sete banhos russos successivos, tão proximos uns dos outros quanto possivel, e prolongados, para provocarem abundante transpiração. As feridas eram lavadas com ammoniaco e os doentes faziam uso de bebidas proprias a activarem a acção das glandulas sudoriporas. Segundo o dr. Buisson, a hydrophobia quando faz explosão dura tres dias. No primeiro dia a cura é certa, pelo tratamento sudoriporo; no segundo incerta e no terceiro, quasi sem esperança.

Este meio de cura, se na realidade existe, não diminue em coisa alguma a gloria de Pasteur pela grande descoberta da prophyllaxia da raiva. É-lhe apenas complemento e nada mais.

No banquete offerecido, em Paris, pela colonia anglo-americana, no dia 15 de abril, ao notavel chimico, Mac-Lane, ministro dos Estados-Unidos na capital da França, levantou um brinde caloroso.

«Entre todas as maravilhosas descobertas d'este seculo espantoso, disse elle, cujos sabios teriam passado, ainda não ha muito tempo, por feiticeiros, nenhuma ha, senhor, que mais tenha revolvido o mundo profundamente que essa pela qual fizeste suspender na propria fonte a mais hedionda das doenças das que atacam o homem. Com esse desinteresse que é um dos caracteres do vosso paiz e que é a feição particular do ensino francez, abriste o vosso laboratorio a todos aquelles que ameaçava o horrivel morbo cujo segredo surprehendeste, e assim os arrancaste á morte estupenda.

«Os americanos, senhor, que vos devem muitas d'essas ressurreições e que hão de dever-vos outras, quizeram dar-vos um testemunho do seu reconhecimento pelos vossos beneficios e da sua admiração pelos grandes trabalhos, que releva um grande caracter: é esse o objecto da nossa presença aqui esta noite.

«Agradeço ao Stanley-Club ter-me convidado para presidir a esta amigavel manifestação e aproveito esta occasião para vos agradecer o benevolente acolhimento, que tendes sempre feito áquelles que eu vos tenho enviado. A uns deste-lhes a vida, aos outros que o esplendor do vosso nome tinha attrahido e que sentiam o desejo ardente de inspirarem-se dos vossos conselhos, não fizeste nenhum mysterio dos vossos preciosos segredos, adqueridos com tanto trabalho, com tanta paciencia e, permitti-me que tambem o diga, por um esforço de talento.

«Esse desinteresse, que é como o luxo do verdadeiro saber, tanto os meus compatriotas como eu, o temos sempre encontrado em França em todos os sabios, em todos os artistas, em todos aquelles aos quaes incumbe a nobre missão de ensinar as sciencias e as artes, que é a mais bella a que se possa dedicar um grande povo, e que a vossa nação cumpre actualmedte com soberana auctoridade.

«A America saúda em vós, senhor, por via do Stanley-Club, um dos mais illustres representantes d'esses espiritos selectos, e, bebendo á vossa saude, eu exprimo em seu nome o voto que a vossa carreira, cheia já de tão grandes obras, se prolongue ainda por muito tempo para ventura d'aquelles que soffrem e para o ensino d'aquelles que aprendem com o vosso exemplo como o mal póde ser vencido pelo trabalho e pelo saber.»

Pasteur agradeceu aos convivas as suas boas palavras: «Esses elogios, disse o illustre sabio, produzem em mim um effeito singular, e que vós americanos, que tendes no vosso paiz a curiosidade das personalidades, sem duvida estimareis conhecer. Quando diante de mim me louvam os meus trabalhos, eu n'elles só vejo lacunas e o meu desejo seria recomeçal-os cada um de per si para os completar.

«No entretanto ha dois homens em mim: um timido, desconfiado de si e de genio facil, que acceita com reconhecimento os bons conselhos e a discussão; o outro porém não é de tão boa composição. Quando depois de ter esgotado os meios da sciencia experimental, tenho a certeza de ter chegado á verdade, então o segundo individuo se revella em mim, inteiro, durissimo na discussão e de genio feroz. Haja exemplo o que se passou no meu laboratorio com um personagem, que punha em duvida a efficacia do meu tratamento contra a raiva. É porque, continuou Pasteur com energia, porque já não estou no mez de dezembro de 1885, timido, inquieto, sem dormir e opprimido com o pesadello da raiva. Nós estamos no mez de abril de 1886 Depois de haver esgotado todos os recursos da sciencia experimental, estou de posse da verdade scientifica a esse respeito. É porque a sciencia n'isto differe muito da politica, por exemplo. Não seria facil demonstrar scientificamente qual é o melhor dos governos.» Lembra então os obstaculos que teve de vencer e os ataques de que ainda hoje é objecto. Agradece particularmente aos americanos que já fundaram um instituto Pasteur em Nova-York.

Terminou annunciando um grande facto scientifico: «Adquiri, disse elle, a certeza que acompanha o virus rabico uma materia não virulenta, a qual basta para determinar de per si por meio de inoculações o estado refractario á raiva.» (1)

Ultimamente na Academia das Sciencias Pasteur, estando presente o seu dedicado collaborador, o dr. Grancher, apresentou uma nota intitulada: *Nova communicação sobre os resultados da applicação do methodo preventivo da raiva depois da mordedura.*

Faz lembrado o seu relatorio de março. Então tinha tratado 360 pessoas de diversas edades e de varias nacionalidades. Hoje 12 de abril, diz elle, o numero das pessoas tratadas eleva-se a 726, 5o5 da França e 221 do estrangeiro.

Esta lista comprehende os mordidos pelos cães e os mordidos pelos lobos damnados. Os mordidos pelos cães são 698. Pelos lobos 38.

Dos primeiros, exceptuada a pequena Pelletier, não ha insucesso nenhum a mencionar e a maioria já passou o periodo perigoso.

Ao contrario a respeito dos rabicos mordidos pelos lobos: ha a mencionar tres obitos. A raiva do lobo será differente da do cão?

Pasteur apresenta documentos fornecidos por differentes pessoas com respeito a mordeduras de lobos damnados. 1.º 27 de fevereiro 1706. Na communa de S. Julião de Sivry 8 pessoas foram mordidas e todas morreram. O periodo de incubação foi de 27 a 68 dias. 2.º 26 de dezembro de 1806. Ao pé de Bourges 9 pessoas mordidas. Todas morreram. 3.º 16 de outubro de 1812. Ao pé de Bar-sur-Orne de 19 pessoas mordidas 11 falleceram. A incubação foi de 7, 13, 15, 60, 69 e 70 dias 4.º janeiro de 1866 No Aveyron 3 pessoas mordidas por uma loba morreram. A incubação foi de 23 e 28 dias. 5.º Outubro de 1874. Na Rochette-Larochefoucauld, 2 homens e 1 creança, 2 obitos. Incubação de 25 a 30 dias. 6.º Outra observação, 6 mordidos, 4 mortos, incubação 9, 13, 15, 19. 7.º Perto de Avallon em 1881 5 mordidos e 4 mortos. Incubação de 16, 17, 19 e 20 dias.

Considerados estes casos acham-se 82 obitos por 100. Sobre os 19 russos de Smolensko, 16 voltaram á sua patria com saude. Se lhe fosse applicada a regra que se extrae da estatistica apresentada, não deveriam ter morrido 3, mas 15. O tratamento parece pois efficaz.

Dos documentos precedentes deduzem-se duas consequencias: 1.ª A duração da incubação da raiva do lobo é muitas vezes muito mais curta que a do cão. 2.ª A mortalidade é consideravel.

A' questão: A raiva do lobo differe da raiva do cão? Pasteur tendo inoculado em coelhos e em cobayas as medullas dos rabicos, pelos resultados que observou, responde: O virus do lobo e do cão teem a mesma violencia.

Por isso só á gravidade e ao numero de feridas é que deve ser attribuida a grande mortalidade. Os lobos não sómente mordem, mas dilaceram. Teem sido encontrados dentes de lobos implantados nos craneos das suas victimas. N'estes casos o virus penetra depressa e em quantidade, por isso a acção é mais rapida. Em vista d'isto Pasteur modificou o seu methodo no proposito de prevenir a raiva do lobo.

VIII

Com respeito ao microbio da raiva, que Pasteur ainda não conseguiu ver, comquanto o modificasse, disse na Academia Real das Sciencias o nosso excellente amigo e illustre homem de sciencia o dr. Thomaz de Carvalho, que tambem Verrier, o famoso astronomo que previra o planeta Neptuno, não precisára encontrar no foco do seu telescopio o astro, que descobriu para assignalar no infinito espaço o logar preciso, em que a certa hora elle havia de revellar-se aos olhos do homem.

Em 1881, Pasteur, descobriu um microbio na saliva de uma creança, que morrera de hydrophobia. Inoculado, porém, em coelhos determinou n'esses animaes doença diversa da raiva. Este microbio virulento encontra-se frequente na saliva de individuos sãos.

«Pasteur, diz o sr. Joaquim Ignacio Ribeiro no livro já por nós citado, o descobridor da microbia pathogenica que assola o mundo com as devastações das pestes e das epidemias, instruiu-se, como ninguem ainda ousou fazel-o, na physiologia d'esses organismos elementares, e auxiliado por essa nova sciencia de que elle foi o fundador, estabeleceu os seus methodos microbiothechnicos, por via dos quaes á maneira do zootechnista nos vertebrados domesticos, elle transmuda á sua vontade as actividades vitaes dos microbios, precipitando-as ou retardando-as como melhor lhe convem, exaltando-as hoje ao maximo grau da sua potencia biologica, para ámanhã mais seguramente as deprimir até á infecundidade de uma attenuação extrema e proveitosa.»

Resta-nos agora citar a apreciação de H. Bouley, que o sr. J. V. Paula Nogueira mais apropriadamente escolheu para epigraphe da sua excellente these — *Microbios e vaccinas*.

— «A admiravel descoberta de Pasteur está destinada a ser mair mais fecunda ainda que a de Jenner; porque ella procede de uma idéa mais comprehensiva, que deve servir de base a um methodo geral cuja applicação terá por consequencias, quando a obra que começa estiver concluida, pôr as populações humanas e as populações animaes ao abrigo da maioria dos contagios por meio do *virus* proprio a cada um, mas d'esse virus distituido, por um artificio de talento, da sua actividade.»

Ao appello do sabio para a creação de um *Instituto* destinado ao tratamento dos rabicos, e onde fosse possivel fazer as observações necessarias para o estado da tubercolose e de outros flagellos que affligem e destroem a humanidade, a subscripção nacional, mas particular, correspondeu enviando muitos milhares de francos. O proprio governo, sempre remisso como todos os governos em proteger o que não sejam histriões ou palhaços de feira — declarou por meio de um dos seus membros presente á sessão da Academia — em que Pasteur leu o seu relatorio — que auxiliaria no que podesse esse Instituto, que tomou a denominação do grande microbiotechnista.

Seria longa esta resenha se quizessemos indicar todos os trabalhos e uteis descobertas de Pasteur. Limitámo-nos ás principaes. Com respeito ao *mal rubro* dos porcos, cuja prophyllaxia elle descubriu, trataremos bem como de outras vaccinas e da sua pratica nas *Actualidades scientificas*, que tambem proximamente se occuparão de alguns inventos e trabalhos portuguezes.

João de Mendonça.

(1) Vide o *Temps*, n.º 9:115.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

(Continuado do n.º 264)

PHOTOGRAPHOS ESTRANGEIROS

O sr. Goszeleth Istevan, de Budapest (Hungria), é um dos bons photographos da exposição. Exhibe em um caixilho, uma collecção de retratos, a saes de prata, em formato de cartão album, muito apreciaveis, se bem que alguns d'elles se resintam do lambido do demasiado retoque. O centro do caixilho é occupado por um excellente retrato, em duble-placa da joven que obteve o premio da belleza no concurso realisado em Budapest. Bastaria essa prova photographica para dar testemunho dos meritos do expositor.

De Flensburg (Hamburgo), concorreu o sr. Wilh. Dresen, que apresenta uma numerosa e formosissima collecção de photographias instantaneas, gelatino-bromuradas. Representam paizagens, marinhas e areaes, na sua quasi totalidade. As marinhas, sobretudo, em que se reproduzem os effeitos do luar, crespusculos, lanços extensissimos de mar animados por um navio longincuo ou por um pequeno barco poisando sobre os reflexos prateados da agua, são admiraveis de poesia, como gosto artistico e de nitidez, como trabalho photographico. É encantandor um grupo de marinheiros collocados em um mastro de navio, no cesto da gavea, projectando se as suas sombras no velame. Interessantissimos egualmente dois effeitos de projecções de casas proximas de um caes e de barcos ancorados, sobre a agua, em que todos esses objectos se espalham em tremidos caprichosos, parecendo caracterisal-os. Sem duvida todos esses effeitos em photographia foram uma novidade entre nós. Devemos notar ainda alguns graciosos grupos de creanças a lavarem-se, junto de uma margem e por ultimo duas bellas cabeças de mulher, em formato Salomon, uma d'ellas sobretudo, adoravel de suavidade, pelo destaque que fórma sobre o fundo completamente branco. As provas instantaneas do sr. Dresen, são incontestavelmente as melhores do certamen.

Estamos agora na presença de um outro photographo de subida competencia, o sr. Charles Scolik, de Vienna de Austria, auctor de um tratado ácerca da preparação de placas gelatinosas e sua applicação. Apresenta este notavel artista uma grande collecção de specimens em diversos processos, taes como: provas instantaneas de exercicios militares, com exposição de $^1/_{100}$ de segundo; vistas de uma procissão de Corpus Christi, em Vienna, com exposição de $^1/_{30}$ de segundo; miniaturas com egual tempo de exposição; retratos, entre elles uma formosa collecção de creanças, com exposição de um terço de segundo; provas de clichés por immulsão de iodo-bromureto de prata, preparada pelo expositor, e de gelatino-bromureto de prata, tambem preparada pelo expositor, pelo methodo de protoxido de prata amoniacal; grupos em platinotypia; outros a saes de prata; exercicios de artilheria com exposição de $^1/_3$ de segundo e vistas do Prater, com a de $^1/_{100}$ de segundo.

Todas estas provas são de todo o ponto apreciaveis pela sua excellente execução, porém o que mais interessante se torna são uns estudos de chapas achromaticas para se applicarem á pintura a oleo e sobre a relatividade de tons.

Como é sabido, o azul dá branco em photographia e o amarello dá escuro O sr. Charles Scolik procurou pois imprimir essa relatividade de côres na photographia e assim apresentou quatro provas copiadas de uma vista do Cairo em que se destaca sobre uma atmosphera azul sulcada por leves nuvens esbranquiçadas o minarete de uma mesquita, de um vivo amarello allaranjado. N'essas quatro provas veem se os resultados dos processos empregados pelo operador, de fórma que em todas ellas differem as tonalidades até se chegar á maior approximação da relatividade pretendida. D'este

modo o amarello, que devia ser escuro apresenta-se-nos por exemplo esbranquiçado, e o firmento, que devia ser branco, transforma-se em escuro.

As provas das chapas achromaticas, estudos feitos sobre a copia de uma paizagem em que se representa o occaso do sol, são da mesma fórma muito curiosas.

O sr. Scolik exhibe ainda quatro estudos comparativos sobre a tiragem a platina e a prata, copias de desenhos a lapis. Como se vê, este photographo é um dos cultores illustres da sua arte

O sr. Edg rdo Debas, de Madrid, apresenta em quatro caixilhos, uma collecção de retratos em diversos formatos, isto é, em placa, duble placa e cartão-album. Eis um artista, na verdadeira accepção da palavra, o que consegue tornar o retrato brilhante e nitidissimo, sem se soccorrer ao desvairamento do retoque que desfigura tantas vezes os caracteres physionomicos do individuo.

Notaremos como verdadeiros primores, os retratos em duble placa e especialmente os de um homem idoso e de uma senhora de cabellos escuros, dois bustos admiraveis em que a uma execução technica irreprehensivel, se reune a belleza artistica patenteada n i observação rigorosa do desenho e no claro-escuro dos diversos valores.

Em photographia não basta que o retrato seja parecido e que apresente uma nitidez de porcelana. Convém não destruir n'elle as minudencias da carnação, o modellado, tão fielmante transmittido pela luz ao cliché. É assim succede e que depois do trabalho operado pela camara escura, a missão do retocador se torna a mais difficil e melindrosa. Infelizmente, na grande maioria dos casos, o retocador nem sempre é um artista e alguns chegam até a desconhecer as regras mais rudimentares do desenho. D'ahi os anachronismos, as formul s convencionaes, que podem lisongear o amor proprio do photographado quando deseje que as suas feições passem á posteridade aureolados por uma belleza ficticia, mas que não satisfazem de modo algum a arte.

É pois sob todos estes pontos de vista que consideramos o sr. Debas um verdadeiro artista.

Tanto nos retratos de duble placa como nos de placa e cartão-album dá elle prova do seu bom gosto apresentando quasi sempre as figuras sobre fundo branco, ás vezes levemente assombreado, o que faz destacar o modelo em um relevo encantador. Recorre raramente aos fundos historiados e se em alguns casos o faz é apenas para que sobresaia por exemplo o branco de um vestido de senhora. Sabe-se o quanto é difficil photographar *toilettes* brancas de senhoras, especialmente quando são de tecido tenue. N'este genero apresenta o referido expositor specimens deliciosos.

O que resalta finalmente de todos os trabalhos do sr. Debas é além do retoque apenas indispensavel, a suavidade do claro-escuro, o tom harmonioso do todo, o relevo da modelação, a nitidez, e a distincção e belleza do aspecto geral.

O sr. Hebert, tambem de Madrid, é um photographo egualmente distincto. Expõe uma copiosa collecção de retratos e de photographias de monumentos. Foram estes ultimos os que mais nos agradaram. Os retratos, se bem que entre elles haja alguns primorosos, resentem-se em geral da insistencia do retoque o que os torna de uma nitidez extrema. Quanto ás copias de monumentos são excellentes em tudo. Entre ellas notam se algumas provas a carvão magnificas.

O sr. M. Alviach, de Madrid, que tem um nome considerado em Hespanha, apresenta uma collecção de retratos em cartão-album, placa e dubleplaca e tres ampliações. Nos cartões-albuns nota-se uma certa dureza de modelação, devida ao retoque pouco artistico, e nas placas vêem-se alguns bustos delicados e dignos de apreço. No que porém este expositor mais se extrema é em duas ampliações, muito correctas, retratos em meio corpo, de individuos idosos.

Um d'elles, principalmente, que representa, ao que parece, um homem de aldeia, é irreprehensivel.

As ampliações do sr. Alviach teem a boa qualidade d s modelos se destacarem bem do fundo, apresentando tonalidades de claro-escuro que caracterisam agradavelmente os traços physionomicos.

A senhora viuva Amayra y Fernandez, de Madrid, enviou além de um grande numero de retratos e de paizagens, trabalhos estimaveis, com especialidade estas ultimas, talvez os melhores specimens da collecção, varias provas positivas sobre panno, pintadas a oleo, que não se recommendam muito pelo seu aspecto desagradavel, resultado do colorido falso de que geralmente todas ellas se resentem. Entre essas pinturas ha um quadro decorativo, representando em tamanho natural uma creança cavalgando um cysne. Creio que esta phantesia tem feito a admiração de muita gente.

Ha ainda um caixilho com uma porção de miniaturas a aguada sobre photographia, tudo retratos de creanças. É uma orgia de côres mirabolantes, sem merecimento.

O sr. Chicharro, de S. Thiago, expõe varios retratos, bastante duros, mas peores do que estes são os apresentados pelo sr. A. Ducasble, de Pernambuco, todos de uma negridão lamentavel.

Terminamos a mensão dos photographos estrangeiros, referindo-nos á explendida collecção de photographias de monumentos e de obras de arte de Salamanca, trabalhos notaveis da afamada casa Laurent, de Madrid, expostos pela Companhia do Caminho de Ferro de Salamanca.

Porto, abril.

(Continua) *Manuel M. Rodrigues.*

A MARIA DA FONTE

Recordações litterarias

(Concluido do n.º 254)

Por boa camaradagem, mais do que merecimento proprio, cantava se tambem nas marchas, de mistura com as coplas do *Alfageme*, o *Guerrilheiro*, a *Vivandeira*, o *Adeus do soldado*, e outras canções que o patriotismo me inspirára e a amisade puzera em circulação.

Quando a Maria da Fonte assim nos trazia o miôlo a rasão de juros, cae nos em casa um protocollo, e começam a chover hespanhoes, francezes e inglezes por todos os lados, em nome da solidariedade dos thronos, um dos quaes desabava no anno seguinte, e um outro poucos annos depois! Dizia a diplomacia que era prudente embargar a voz na garganta aos que de cantar hymnos podiam passar a rugir furias demagogicas, e a galgar as barreiras dos tratados então existentes entre as nações, que tão sem cerimonia nos visitavam, estimuladas pelo egoismo monarchico das chancellarias da Europa.

N'esse dia a Maria da Fonte cobriu de crepes a foice roçadoira, pediu que lhe lessem um artigo do *Espectro* para confortar o animo abatido, e lançou á terra, antes de se recolher á lareira, a semente que devia fructificar desde logo em engenhos nascidos á sombra de uma revolução, de que ella fôra o symbolo generoso, embora humilde.

Foi com as lagrimas nos olhos, e o despeito no coração, que a mocidade academica entoou pela ultima vez o:

Eia avante, portuguezes,
Eia avante, e não temer;
Pela santa liberdade
Triumphar ou perecer.

Hoje, estes eccos de um passado embora não remoto, são para os ouvidos da geração actual uma coisa mais do que inintelligivel, tacanha, na opinião d'ella, que se julga grande e robusta porque reformou a Carta e a deixou ficar na mesma; e que, por um processo que ella lá entende, condemna tudo o que é arte, em nome do tempo de que dispõe para atropelar a verdade.

A liberdade, o idolo d'hontem, já não presta para esta gente, que prefere as selvajarias da Communa, e os horrores de Carthagena, ao caminha-progressivo e cadenciado das sociedades que avançam, protestando contra as demasias do imitador res de Legendre, o demagogo duas vezes carniceiro, uma no balcão do seu açougue, outra no tôpo purpurado de sangue da ignobil guilhotina.

Mas, deixemos a politica, que só por incidente podia ter cabimento, n'estas recordações, e continuemos a falar da Maria da Fonte, da desenxovalhada mocetôna que punha á cabeça uma enfusa com o donaire com que outras mulheres affeiçoam ás tranças uma rosa de toucar.

Foi ella a musa de uma escola litteraria que a actual apôda por systema de amaneirada e pouco vidente, mas que não valeu menos da que hoje por ahi se pavoneia, salvas honrosas excepções, esquecida de que a posteridade é a unica grande e imparcial julgadora dos homens e das coisas dos tempos que passaram.

Estamos em 1848, um anno depois da Maria da Fonte ter morrido asphixiada pelos amplexos brutaes da diplomacia européa. Luiz Filippe deixára-se escorregar do throno julgando cair de pé, mas a lava do vulcão arremeçando-o para longe da cratéra, fôra por um milagre depôl-o são e salvo na terra do exilio.

O poeta das *Meditações* e das *Harmonias*, achou-se com boas rasões habilitado a substituir o diadema real pela sua virente corôa de louros, assumindo sem constrangimento o poder, e guiando um dos primeiros paizes do mundo com as mesmas tenues guias de troçal com que, poeta, refreára os impetos da sua potente imaginação.

Mas como em regra os homens são mais indomitos e menos generosos do que os cavallos, Lamartine, por sua vez foi cuspido da sella, não sem dar tempo á Maria da Fonte a esfregar as mãos de contente, por vêr que a revolução de que fôra symbolo se approximava ao termo do seu definitivo triumpho.

Como ajuste de contas do movimento litterario iniciado pela Maria da Fonte, leiam-se os *Ensaios de Critica e de litteratura*, de Lopes de Mendonça, onde os desconfiados de que o talento lhes cahiu de repente em casa como morgadio se podem desenganar lendo n'aquelle recenseamento dos engenhos nacionaes da epoca os nomes: Mendes Leal, dramaturgo, poeta e romancista, que tudo foi e é de bom quilate; Latino Coelho, o encyclopedico e brilhantissimo escriptor, e grande mestre da nossa lingua; de Andrade Corvo o sabio professor e distincto homem de lettras; José Freire de Serpa Pimentel, o original auctor dos *Solãos*, e de tantos dramas imaginosos; Antonio de Serpa o poeta mimoso e correcto, a quem a responsabilidade das finanças não entibiou seu amor pelas lettras, publicando ainda recentemente dois importantes livros *Herculano e o seu tempo* e o bem pensado trabalho que se intitula *Da Nacionalidade e do governo representativo*; Antonio Pereira da Cunha, que só tarde se retirou da arena, para vigorar no isolamento as suas crenças de legitimista; Bulhão Pato, o unico homem de lettras que sempre virou costas á politica, e que então atirava petulante, e cheio de fé em si, com o coração inteiro ao brasido dos seus enthusiasmos poeticos; Francisco Palha, o zombeteiro encartado, que veio, sem prejuiso dos seus deveres officiaes a descambar na Trindade, a rir do publico, que ri tambem das suas armadilhas theatraes; Lobato Pires, borboleta que foi crestar as azas nos lugubres lampiões dos corredores de Rilhafolles, e talvez na mesma jaula em que Lopes de Mendonça entrando, não conheceu, desgraçado, que se lhe havia apagado o *J'ai quelque chose là* de que tanto se ufanava; Rebello da Silva, o opulento fidalgo das lettras, que adivinhava o que não sabia, e sabia mais do que todos os mastins que lhe ladravam á reputação, como os cães ladram á lua, estimulados pela luz serena que os encommoda; e outros ainda, que trabalhavam de sol a sol, sem esperança de melhor salario de que a satisfação intima de não serem párias; sem outro estimulo mais que o desejo de se não estirassarem como uns *lazzaroni* nas bancadas das praças publicas á espera do obulo incerto e humilhante da caridade.

Na cauda, por ordem chronologica, dos nomes que ficam citados, dois ha ainda de quem a Maria da Fonte disputa a propriedade, e que quasi ao escapar lhe pertenceram. Os dois que ainda estão á espera do juiso de Salomão, chamam se: Thomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas. Dois poetas, dois oradores, dois ministros, que podiam, sem lhes fazer falta, dispensar os correios e a carta de conselho, para viverem seguros na memoria dos homens.

A par d'estas considerações, puramente litterarias, quantas e quantas outras d'ordem politica me não estão n'este momento accudindo ao espirito, a mim, que pela edade que já levo logrei conhecer paus de larangeira a tantos insignificantes que hoje se agasalham nos arminhos senatoriaes; a tantos bohemios sem arraial fixo, que depois se fizeram cidadãos romanos da republica do *venha a nós*, e hoje dormem sobre os loiros que já enramaram as caçarolas das suas fartas cosinhas de patriotas em disponibilidade!

A Maria da Fonte foi a origem commum dos dois partidos monarchicos que hoje se gladiam na arena da politica militante.

Se me fosse dados escolher a dedo os que nos dois arraiaes renegaram as velhas tradicções, facil me fôra licenciar metade da soldadesca que se gradua com os gallões do commando, deixando frente a frente os dois partidos como elles eram antes da mascarada em que os politicos andam envolvidos desde 1851.

Mas eu não quero entrar n'estas questões. Quiz simplesmente commemorar os nomes de alguns homens de lettras do meu tempo, sem pedir licença aos aguazis litterarios de nenhuma escola, e de nenhuma seita.

Talvez caia sobre nós o Carmo e a Trindade. Deixal-o. Os prophetas annunciam o fim do mundo para este anno que vae correndo... e então venha de lá isso.

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

Concerto da real academia de amadores de musica. Realisou-se no dia 21 do mez passado, no salão da Trindade, um magnifico concerto pelos socios da Real Academia de Amadores de Musica. O programma primorosamente escolhido foi executado magistralmente, surprehendendo a execusão do coro de Alfredo Keill, *Rose d'amour*, pelos membros do *Orpheon*, composto na sua maioria de cavalheiros que não sabem musica, e que apenas tiveram quatro ensaios dirigidos pelo professor o sr. Guilherme Ribeiro. A orchestra desempenhou de um modo superior o poema de Massenet *Les Erinnyes*. No canto distinguiram-se as senhoras que cantaram o coro da opera *La reine de Sabá* de Goldmark, devendo especialisar-se a ex.ma sr.a D. Honomia Emma Coutinho, no *Inflammatus do Stbat* de Rossini. Os progressos artisticos d'esta sociedade são notaveis.

Tosão de ouro. Verificou-se no dia 26 do mez findo, no palacio da Ajuda, a ceremonia da investidura do Tosão de Ouro ao sr. infante D. Augusto, com que foi agraciado na vaga deixada por el-rei D. Fernando.

Congresso internacional. Deve verificar-se em Vienna de Austria, nos dias 16 a 19 do proximo mez de junho o segundo congresso internacional de navegação fluvial, cujo programma é o seguinte: 1.° valor economico das vias fluviaes; 2.° perfil normal dos canaes e dimensões das construcções das vias fluviaes artificiaes; 3.° organisação da exploração das vias fluviaes; 4.° construcção dos canaes maritimos.

Manuscripto historico. Encontrou-se no ministerio da marinha um livro manuscripto em cifra que servia para a correspoddencia diplomatica do marquez de Pombal. O livro é de fórma alongada, encadernado em carneira tinta de preto. É feito em fórma de diccionario e de uma grande nitidez caligraphica. Sabe-se que pertencia ao marquez de Pombal porque assim está declarado na primeira pagina. Com a cifra d'este livro póde-se fazer grande numero de combinações. As ultimas paginas constam de uma lista dos nomes dos reis e principes da epoca com o numero correspondente, e egualmente dos embaixadores. Cremos que este livro vae ser remettido para a Torre do Tombo onde é o seu logar.

PUBLICAÇÕES (1)

Recebemos e agradecemos:

Fabulas de la Fontaine, illustradas por Gustavo Doré, texto portuguez por Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão, Couto Guerreiro e pelos poetas mais notaveis contemporaneos de Portugal e Brazil, etc. David Corazzi, editor. É mais uma edição luxuosa que vae ser dada á estampa pelo sr. David Corazzi, que para isso adquiriu os clichés da edição franceza, sendo, portanto, a edição portugueza em tudo conforme a edição franceza, na parte illustrada. As *Fabulas de la Fontaine* é dos livros mais populares que se conhecem e sobre este ponto é escusado qualquer encarecimento. As *Fabulas* comprehendidas no fasciculo 1.° que temos presente, são postas em portuguez por Bocage, Francisco Palha, Couto Guerreiro e Gonçalves Crespo, e estes nomes são para o leitor a melhor de todas as recommendações da maneira primorosa com que está feita a versão portugueza. Para completar a importancia d'esta edição, será a mesma acompanhada de estudos criticos pelos srs. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga. A obra publica-se aos fasciculos quinzenaes de 16 paginas por 200 réis, pelo que é facil a sua acquisição.

Leituras elementares, por João Diniz, Magalhães & Moniz, editores, Porto. Este livrinho é a introducção ao *Novo livro de leitura* do mesmo auctor, e por isso a sua leitura é conforme o titulo, perfeitamente elementar como convém ás primeiras leituras das creanças. N'este genero é dos melhores que temos conhecido, porque o texto que o compõem é extremamente accessivel á intelligencia das creanças e muito proprio a fazer-lhe desenvolver o gosto pela leitura, que é o que mais importa. Além de historias perfeitamente infantis, d'aquellas que todos nós ouvimos em pequenos, com grande curiosidade e enlevo, tem a realçal-as o attractivo das gravuras apropriadas, satisfazendo assim ao espirito e aos olhos das creanças, e tornando-lhe o livro um objecto apetitoso em vez de fastiento. As *Leituras elementares* do sr. João Diniz vem occupar um logar distincto entre os livros destinados á educação da infancia.

El Archipielogo Filipino y las Islas Marianas, Carolinas y Palaos, su historia, geographia y estadística, *por D. José Montero y Vidal*. É um livro de 500 e tantas paginas, que releva um estudo aturado e minucioso da historia politico-social do archipelago Filipino, e das ilhas Marianas e Carolinas, que modernamente levantaram uma grave questão diplomatica entre a Hespanha e a Allemanha, que terminou por esta reconhecer os direitos dos nossos visinhos. O auctor do curioso livro que temos presente estudou a fundo todas as questões que se prendiam ao seu vasto assumpto, preenchendo assim uma lacuna sensivel na historia colonial do seu paiz. Em um prologo sincero e desambicioso, o sr. Montero y Vidal lastima o muito que em Hespanha se tem descurado os assumptos coloniaes, chegando a affirmar que o menos lido dos allemães sabe mais do que se passa nas colonias hespanholas do que a maioria dos hespanhoes. O livro do sr. Montero y Vidal denuncia um patriota, e um escriptor consciencioso e convencido de que prestou um serviço á metropole, dando-lhe a conhecer questões ignoradas, ou mal sabidas.

O Assassinio de Macario. Comedia em 3 actos, versão livre por Camillo Castello Branco. Chegalhe o tempo para tudo ao laureado escriptor, até para traduzir comedias! Falar da versão é ir na corrente da opinião geral, que affirma, e com fundamento, ser Camillo Castello Branco um dos dois escriptores contemporaneos que mais conhecem a lingua portugueza, e mais acertadamente a ageita á indole dos variados assumptos de que tem tratado, seja historia, romance, theatro, ou critica desenxovalhada e caustica. Pelo que respeita á comedia, é como todas as do genero. Abunda em situações comicas, nem sempre justificadas pela logica da acção, mas faz rir, e é isso o que se pretende de uma composição theatral que não aspira a filiar-se no pequeno grupo das obras d'arte que resistem ás evoluções do gosto e aos reparos da critica.

Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte — Fallecido a 19 de abril de 1886
(Segundo uma photographia de J. R. da Silva)

* **Archivo dos Açores,** *publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. 7.° volume, numero* XXXI. *1885, Ponta Delgada — ilha de S. Miguel, — Typ. do Archivo dos Açores.* É o terceiro fasciculo do 7.° volume d'esta utilissima publicação, que temos seguido passo a passo, na sua ininterrompida e tenaz carreira de pouco mais de sete annos, sendo o primeiro fasciculo publicado em maio de 1878. Encerra este fasciculo a continuação das *Notas Açorianas*, do sr. Ernesto Rebello; uma noticia resumida dos acontecimentos da ilha Terceira em 1821, e a continuação da publicação dos documentos relativos ao *Movimento liberal dos Açores* (1828 a 1834).

* **Tratado das alfandegas em Portugal,** *consideradas á luz da historia, do direito, da economia politica e da estatistica, por Francisco de Lencastre. Parte primeira — historia. Imprensa nacional, 1885.* É este o fasciculo 3.°, e chega até pag. 192. Continua com a enumeração historica dos diversos diplomas que regiam os assumptos alfandegarios até o reinado de D. Manuel, dando na integra alguns documentos importantes ineditos ou pouco vulgarisados, e analysando as diversas disposições, impostos e systemas adoptados. O assumpto não é dos que agradam á maioria dos leitores, e por isso a sua publicação deve ser sufficientemente subsidiada pelo Estado.

* **Lendas e Prebendas.** *Bahia, Imprensa Economica, rua Nova das Princezas, 16.* Versos pelo sr. Christovam Barreto. Opusculo de 75 paginas. Que o auctor tem conhecimentos e intelligencia, é verdade; mas tambem é verdade que nos não agradam os seus versos. É moço? Não sabemos; mas esperamos confiados que ha-de corrigir-se, e fazer trabalho que dure.

* **A ilha de S. Miguel,** *seu descobrimento e diversas noticias,* por Gabriel d'Almeida, Ponta Delgada, 1885. Opusculo de 78 paginas, comprehendendo uma de indices e outra de erratas. Tem algumas informações curiosas, posto que resumidas, mas admira-nos que o seu auctor, abra a parte historica pelas fabulas, que os tempos e a falta de criterio de G. Fructuoso, poderiam acceitar, e isto quando no *Archivo dos Açores* estão publicados ha oito annos documentos irrecusaveis a tal respeito, e muito mais que na nota final diga que segue o sr. Cordeiro de preferencia a Fructuoso, que estropiou e mal extractou quasi sempre, e que não seja Azurara e Diogo Gomes, que escreveram um seculo antes de Fructuoso, e Valentim Fernandes, que o fez meio seculo antes.

* **Elementos para a historia do municipio de Lisboa,** *por Eduardo Freire de Oliveira.* Temos presente a folha 6.a do 2.° volume, que começa com a carta regia de 21 de janeiro de 1591, relativa a se tornarem a estabelecer os portos seccos, seguindo outras, documentos, dos quaes um se refere á licença para uns comediantes poderem representar, comtanto que o não fizessem com mulheres, que os poderiam só ajudar a cantar e tanger; outro se refere ás informações que é necessario tirar-se da vida e costumes dos professores, professoras e parteiras, etc. Acha-se n'esta folha publicada a carta regia de 20 de fevereiro de 1508, concedendo a Jacob Cromberger e aos mais impressores as graças, privilegios, liberdades e honras de que gosam os cavalleiros da casa de el rei, com as clausulas n'elle declaradas.

* **Subsidios para a historia do jornalismo nas provincias ultramarinas portuguezas,** *por Brito Aranha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.* 8.° grande de 27 paginas, dando o titulo dos periodicos, com a designação do anno, ao que parece, em que começou a sua publicação. Este trabalho foi publicado pela Sociedade de Geographia de Lisboa, para ser presente na exposição de Antuerpia, e por isso é precedido de um prologo em francez.

(1) Por extravio no correio do original das noticias marcadas com um asteristico, só hoje as podemos publicar.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.